

**Bernardo Estellita Lins**

Engenheiro civil, mestre e doutor em economia pela UnB. Consultor legislativo da Câmara dos Deputados da Área de ciência e tecnologia, comunicação social, informática, telecomunicações e sistema postal.

## Ser e devir: uma visita de cortesia aos pré-socráticos

## Resumo

---

Este ensaio visita brevemente alguns dos nomes de maior destaque na filosofia pré-socrática, fazendo uso da controvérsia entre o Devir heraclítico e o Ser de Parmênides como fio condutor da reflexão sobre o modo como essa longa tradição desembocou no período clássico da filosofia grega.

## Palavras-chave

---

Atomismo, escola jônica, escola pitagórica, filosofia grega, pré-socráticos.

## Abstract

---

*The text briefly comments on some major pre-Socratic philosophers with an informal approach. The well-known controversy between the Heraclitian ever flowing change and Parmenides' concept of being is used to discuss how this tradition would give birth to the classic period of the ancient Greek philosophy.*

## Keywords

---

*Atomism, Ionian School, Pythagorean School, Greek Philosophy, pre-Socratics.*

## 1 Introdução

A filosofia não nasce no mundo grego da sisuda reflexão a respeito das observações naturais, mas da poesia. É a delicadeza da visão poética que chama a atenção das pessoas para a vida e para o mundo. É dos poetas que recebemos os relatos da cosmogonia que tanto encantava os gregos. E é na forma de hexâmetros que alguns dos primeiros filósofos iriam se expressar.

A filosofia agregou, no período que antecede a Sócrates, o conjunto dos conhecimentos racionais e organizados que os pensadores iam desenvolvendo, muitas vezes em calculado confronto com relatos mitológicos então predominantes. A cautela se explica, dado que um dos motores dessa construção era eminentemente pecuniário: os primeiros filósofos ganhavam a vida como instrutores, usavam a divulgação de suas ideias para obter notoriedade e precisavam manter uma respeitabilidade profissional para garantir a procura por seus serviços. Daí que, a par de reflexões que mostram grande acuidade de observação, tenham chegado até nós fragmentos com inegável sabor de textos de autoajuda.

Eles, de fato, eram sofistas, professores itinerantes ou titulares de escolas, que eram contratados pelas famílias das elites das cidades-estado para formar seus jovens, transmitindo-lhes conhecimento e treino em administração, em política, na compreensão do comportamento das pessoas e, acima de tudo, na capacidade de se expressar e argumentar em público (ver, por exemplo, a introdução de COOPER em PLATÃO, 2000). A cultura grega enfatizava a tomada de decisão coletiva e a retórica era, portanto, uma poderosa arma de liderança e de participação política.

Esses primeiros filósofos ganharam notoriedade à sua época, criavam-se histórias a seu respeito e suas ideias eram abertamente debatidas. Tales de Mileto, por exemplo, era citado como um dos sete sábios da Grécia e dera ao seu tempo demonstrações de conhecimento técnico elaborado, sendo capaz, entre outros feitos, de prever eclipses. Isto não elimina o fato de que Platão pusesse a seu respeito, na boca de Sócrates, um comentário jocoso:

*“Foi o caso de Tales, Teodoro, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que se passava no céu, mas não via o que estava junto dos próprios pés. Essa pilhéria se aplica bem a todos os que vivem para a Filosofia” (TEETETO, 174-a).*

A natureza da atividade profissional, porém, distanciou os pré-socráticos de um confronto contundente com os mitos e crenças da época. Sua postura era, talvez, de um retrabalho dessas tradições, migrando de teogo-

nias e cosmogonias para uma racionalização do conhecimento, mas preservando os valores essenciais da civilização grega:

*“Parafraseando o dito de Kant, poderíamos dizer que a intuição mítica, sem o elemento formador do logos, ainda é cega e que a conceituação lógica, sem o núcleo vivo da intuição mítica originária, permanece vazia. A partir desse ponto de vista, devemos encarar a história da filosofia grega como o processo de racionalização progressiva da concepção religiosa do mundo implícita nos mitos”. (JAEGER, 1995: 192)*

É assim que a abordagem racional dos problemas à vista do filósofo grego avança das questões mais visíveis e exteriores ao homem, a natureza, o universo, a matéria, para gradualmente alcançar, ao longo da evolução do pensamento filosófico e do confronto das ideias dos vários filósofos, aspectos mais íntimos da vivência humana, até chegar, ao tempo de Sócrates, às experiências mais pessoais de atitude perante os outros, a polis e o processo de aprendizado e de conhecimento e, com Platão, à alma. Não é apenas que esses últimos aspectos sejam de abordagem mais complexa ou sutil. É que a reflexão sobre a natureza e a origem das coisas atrai, de imediato, uma postura de compreensão de um mecanismo e de elaboração de uma teoria. Já os problemas comportamentais e de política são mais fáceis de encarar por um viés pragmático, da solução de problemas do dia a dia, tendo sido essa a abordagem inicialmente adotada por muitos dos pré-socráticos.

A ênfase inicial na observação da natureza e na construção de narrativas acerca da formação do mundo deu a esses filósofos um caráter que é chamado, desde a Antiguidade, de naturalista. Sob o manto da filosofia nasciam as primeiras observações anatômicas, zoológicas e botânicas, as primeiras explicações sobre o funcionamento dos organismos e o significado da vida, as primeiras teorias sobre a composição da matéria e sobre a mecânica celeste. E alguns elementos do que viria a se constituir como investigação científica já estão ali presentes: o esforço na identificação de regularidades, a revelação de relações de causa e efeito, a busca de teorias de caráter universalizante. O que faltaria, até Sócrates, seria um elemento central do fazer científico: a adoção de um método racional, sistemático e testável de investigação.

Ainda assim, os resultados da filosofia pré-socrática foram notáveis, em muitos casos até surpreendentes. Para darmos conta da sua evolução, temos que voltar 800 anos antes do tempo comum, para acompanharmos a sucessão de escolas e de personalidades que fizeram história.

Um dos desafios no estudo dos poetas, logógrafos e filósofos pré-socráticos é a escassez de informações diretas a seu respeito. Há duas fontes usuais. A primeira e mais extensa é a doxográfica, ou seja, a de referências

sobre seus trabalhos. Vários autores contemporâneos desses filósofos ou posteriores a eles citaram e comentaram suas assertivas. Entre estes se destaca Platão, que discute várias posições desses filósofos em alguns de seus diálogos, especialmente o Fédon, o Teeteto e o Crátilo. Aristóteles, em vários de seus textos, foi crítico de muitas dessas reflexões, mas teve a generosidade intelectual de atribuir-lhes autoria adequadamente, sendo uma das fontes doxográficas mais ricas e confiáveis (LEROI, 2014: 19). Alguns séculos depois encontraremos comentários como os do filósofo cético Sexto Empírico (ca. 180-230 d.C.) e a compilação de Diógenes Laércio (ca. 200-250 d.C.), que escreveu a obra *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Há também uma resumida compilação do pensamento dos filósofos pré-socráticos no Livro I da *Refutação de Todas as Heresias*, de Hipólito (ca. 170-236 d.C.)<sup>1</sup>.

A segunda fonte é formada por eventuais fragmentos recuperados das obras dos filósofos pré-socráticos ou citados *ipsis litteris* por terceiros<sup>2</sup>. Essas fontes primárias (ou quase) foram compiladas em alguns compêndios, sendo o mais importante o chamado Diels-Kranz, preparado pelo filologista alemão Hermann Diels em 1903 e reorganizado e reeditado posteriormente pelo filósofo, também alemão, Walther Kranz, na década de 1920. Desse modo, esses fragmentos atualmente são citados com uma referência-padrão DK. Por exemplo, a frase “pobres testemunhas são os olhos e ouvidos do homem cuja alma é bárbara”, de Heráclito, recebe o registro DK22B107, pois é o fragmento 107 atribuído a Heráclito, que vem a ser o filósofo 22 compilado na obra.

O Diels-Kranz está fora de catálogo há anos, mas há boas traduções em vários idiomas. Atualmente, o Google oferece versão em formato pdf da obra, na edição original de 1903, devida a Diels. Uma versão padrão, editada em três volumes nos anos vinte, encontra-se disponível em meio eletrônico em algumas universidades, compilando fragmentos de cerca de 90 autores. Para cada filósofo, uma parte A relata a vida e o ensino, a parte B compila os fragmentos e a parte C, algumas reproduções ou plágios, as imitações. Os fragmentos citados neste artigo foram vertidos do inglês<sup>3</sup> e

1 As datas de nascimento e morte mencionadas neste texto são meramente estimativas, decorrentes de avaliações diversas. São estimadas a partir de citações de uns autores por outros em alguns fragmentos e de estimativas de comentaristas.

2 Como observa Kirk (1975: ix), vários desses fragmentos não são exatamente citações diretas, mas paráfrases. Refletem, porém, o espírito do autor e o modo como este era interpretado em períodos da Antiguidade, representando uma visão mais próxima da sua época do que da interpretação contemporânea.

3 Esse tipo de liberalidade cabe em um ensaio como este, que se pretende informal. Uma reflexão mais técnica demandaria o exame dos textos em grego clássico constantes do Diels-Kranz e das demais referências usadas

constam de Freeman (1983), tradução para aquele idioma das partes B dos fragmentos compilados no Diels-Kranz.

A partir dessas fontes, é possível identificar algumas fases ou etapas na evolução das escolas pré-socráticas:

- As origens: as cosmogonias de Orfeu e Museu.
- Os sete sábios da Grécia: as Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres, obra de Diógenes Laércio, inicia-se com o registro dos pensadores que fundaram o pensamento grego. São estes: Tales de Mileto, Sólon, Quílon de Esparta, Pitaco de Mitilene, Bias de Priene, Cleóbulo de Lindos, Periandro, Anacársis, Míson de Quenéia, Epimênides e Ferécides de Siro. Estavam incluídos no grupo conhecido como os Sete Sábios da Grécia; uma lista variada que incluía duas dúzias de nomes. Platão, no diálogo intitulado Protágoras, relaciona entre os sábios Tales, Pitaco, Sólon, Quílon, Bias, Cleóbulo e Míson.
- A escola jônica: iniciada por Tales de Mileto, inclui pensadores como Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes e Heráclito. Jônia era uma região de cidades-estado que coincidiria, atualmente, com a costa ocidental da Turquia.
- Os pitagóricos: escola fundada por Pitágoras; ganhou notoriedade pelo desenvolvimento da matemática e pela identificação de propriedades dos números.
- A escola eleática: assim denominada a partir de Parmênides de Eléia; tem entre seus seguidores Zenon e Melisso.
- Os pluralistas: pensadores de várias cidades distintas; tinham em comum a convicção de que a natureza era formada a partir de elementos predefinidos. Entre estes, Empédocles de Agrigento e Anaxágoras de Clazômenas.
- O apogeu da profissionalização sofista: pensadores e professores profissionais; dedicavam-se prioritariamente à formação de jovens de elite. Entre os nomes mais destacados, Protágoras, Górgias, Antífon e Crítias.
- Os atomistas: Leucipo e Demócrito de Abdera; criaram a teoria de que a matéria seria constituída de átomos e vácuo.
- A filosofia clássica, encerrando o período pré-socrático: iniciada com Sócrates, se expandiria com as escolas de Platão (a Academia) e de Aristóteles (o Liceu ou escola peripatética).

Essa subdivisão é em certa medida arbitrária, pois vários desses filósofos e escolas coexistiram por períodos relativamente longos e, provavelmente, estabeleceram diálogos ou confrontos. Infelizmente, com o distanciamento de séculos entre esses pensadores e seus comentaristas, o conteúdo das obras e os detalhes das controvérsias se perderam ou foram contaminados pelas diferenças culturais entre a época em que teriam ocorrido e os séculos seguintes. Desse modo, o que sabemos sobre os pré-socráticos de fontes primárias é, na verdade, muito pouco.

Diógenes Laércio inicia sua obra *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* apontando que:

*“Dizem alguns que a filosofia, à exceção do seu nome, teve origem entre os bárbaros pois, como dizem Aristóteles em seu Mágico e Sócion<sup>4</sup>, no Livro XXIII – Das Sucessões, foram os magos os seus inventores entre os persas, os caldeus entre assírios e babilônios, os gimnosofistas<sup>5</sup> entre os indianos e, entre celtas e gauleses, os druidas chamados de semnoteus<sup>6</sup>”.*

No entanto, o próprio Diógenes Laércio descarta essa hipótese de imediato, situando o surgimento da filosofia entre os gregos e associando seu nascimento aos nomes do ateniense Museu e do tebano Lino (LIVRO I, I-III):

*“Os que isto dizem atribuem por ignorância aos bárbaros as ações dos gregos, de quem tomou origem não apenas a filosofia, mas o próprio gênero humano. Ateniense foi Museu; tebano era Lino”.*

O objetivo deste texto é, acreditando nessa última afirmação, fazer uma breve visita aos pré-socráticos, com abordagem “de salão”, de apresentar alguns nomes, contar alguns episódios e tentar recuperar alguns elementos da controvérsia que teria maiores efeitos sobre a filosofia subsequente: o debate entre o Devir, ou seja, o olhar sobre o movimento e a transformação contínua do mundo, e o Ser, a busca do elemento fundamental que cristaliza o que tudo é. O texto está assim organizado: na seção 2, remontamos a Orfeu da Trácia para rastrear as origens da filosofia; na seção seguinte, visitamos a escola jônia; na seção 4, a escola italiana; na seção 5, Heráclito; na seção 6, Parmênides. Na seção 7, buscamos referências à controvérsia entre

4 Sócion foi cronista no século II d.C. e o primeiro a introduzir o termo “escola jônica” para denominar os filósofos naturalistas das cidades da Ásia Menor a partir de Tales de Mileto.

5 Gimnosofistas ou sofistas nus eram seitas de ascetas indianos conhecidos à época dos gregos, com os quais diz-se que alguns filósofos helenistas teriam estudado, a exemplo de Pirro de Élis (360-270 a.C.).

6 Semnoteus são mencionados na *Geographia Histórica de Francia, Italia y sus Islas*, do Pe. Pedro Murillo Velaverde (1752: 9) como druidas dedicados ao culto dos altares.

essas duas últimas escolas e algumas formas de compreensão desenvolvidas à época, nos detendo um pouco na bela teoria atômica de Leucipo e Demócrito. Apresentamos, enfim, algumas conclusões.

## 2 Elementos de cosmogonias nos cantos órficos

Na busca das origens da filosofia, Diógenes Laércio recua um pouco no tempo, examinando brevemente a figura de Orfeu da Trácia (LIVRO I, IV), ressaltando:

*“Não se conviria chamar de filósofo a quem tais coisas disse dos deuses. Que nome pode ser dado àquele que atribui aos deuses todas as paixões humanas, até aquelas mais sujas, que os homens cometem raras vezes?”*

Trata-se de figura lendária, sobre a qual há um belo relato mítico muito conhecido. Orfeu seria poeta e exímio músico, sendo particularmente talentoso ao tocar a lira. Sua delicadeza e sensibilidade seduzem a belíssima ninfa Eurídice, a quem se une em matrimônio. Esta era desejada também por Aristeu, um apicultor, que tentaria possuí-la. Ao fugir dele, Eurídice pisaria em uma cobra e seria mordida, morrendo envenenada. Orfeu, desesperado, desce ao reino de Hades para encontrá-la e logra, com seu canto, encantar o barqueiro Caronte, adormecer o cão Cérbero e chegar ao mundo inferior. O deus Hades, de início furioso com a inesperada invasão de seus domínios, é apaziguado por sua mulher Perséfone e aceita que Orfeu leve sua amada de volta à vida, desde que evite olhar para ela até que estivesse à luz do sol. O poeta volta com sua amada e, no momento em que está para ver o dia, vira-se para certificar-se que Eurídice o segue. Esta, no entanto, um passo atrás, ainda estava no escuro. Nesse instante, desfaz-se a promessa de Hades e tudo o que Orfeu consegue ver é a sombra da mulher se desvanecendo. Perdida a amada, Orfeu consumiria o resto de sua vida na tristeza.

Na cultura grega, tiveram grande divulgação os cantos órficos, peças de poesia épica e de cosmogonia das quais se conhecem diversos fragmentos relativamente extensos. Também era usual o orfismo, prática de aconselhamento para pessoas com problemas, supostamente iniciada por Orfeu em seus últimos anos de vida.

Além de referências de Platão e Aristóteles (este último acreditava que Orfeu fosse figura lendária, não tendo existência real), alguns trechos ou fragmentos de cantos órficos persistiram em plaquetas de túmulos e restos de papiros, com orientações de como proceder após a morte. No entanto, não podem ser atribuídos diretamente ao poeta, sendo de composição pos-

terior, entre o século VI a.C. e o início da era cristã. A edição padrão do compêndio Diels-Kranz compila fragmentos bastante conhecidos atribuídos a Orfeu, mas há uma variedade de fragmentos de origens diversas e de identificação posterior.

Alguns desses achados relacionam-se a registros notáveis e controvertidos. Um é o papiro Derveni, descoberto na Macedônia em 1962 e datado do IV séc. a.C. O papiro sobreviveu queimado, nos restos de uma pira funerária. Boa parte está carbonizada e os resíduos recuperados foram a duras penas lidos, pois a tinta preta se confunde com o fundo da mesma cor. O esforço para se recuperar seu conteúdo é um admirável exemplo de persistência. O resultado é, ainda assim, bastante ilustrativo, pois inclui comentários analíticos sobre um hino ali contido, o que parece ser uma prática órfica: a partir de um breve poema que glorifica Zeus, faz uma exegese da teogonia descrita (ALVARES, 2014, BERNABÉ, 2007).

Outro é a coleção de trinta e nove Tabuletas Baquianas, datadas de vários períodos entre 400 a.C. e 200 d.C., encontradas em vários túmulos em Roma, na Macedônia e em Creta.

Mais um conjunto de hinos órficos conhecidos é provavelmente cópia de manuscritos trazidos de Bizâncio à Itália no séc. XV e incorporados a códices nas décadas seguintes, mesclados com outras peças (ATHANASSAKIS e WOLKOW, 2013: ix-x). Sua origem e época de composição são incertas, possivelmente por volta de 200 d.C., de modo que as referências cosmogônicas podem ser posteriores ao desenvolvimento da filosofia clássica.

Trechos de cantos órficos trazem referências a uma cosmogonia que se afasta da tradição “oficial”<sup>7</sup>. E apologias de um processo de purificação ou catarse. A inscrição de orações órficas encomendando os mortos fazia parte dos rituais fúnebres do helenismo, sendo inscritas em urnas e plaquetas metálicas. Veja-se, por exemplo, a seguinte oração, recuperada de uma plaqueta fúnebre em Thurii<sup>8</sup>:

*“Eu venho pura dentre os puros, ó Rainha do Mundo Inferior, Eucles, Eubuleu e todos os outros deuses! Porque eu reclamo ser também da vossa raça. Cumprio a pena imposta por meus atos injustos se o Destino me fulminar com seu raio. Suplico à nobre Perséfone que seja generosa e me leve a sentar com os justos” (DK1B19).*

7 Há diversas fontes com relatos da teogonia e das tradições mitológicas gregas. A mais adotada como referência é chamada de Biblioteca, manuscrito datado do final do século I a. C., que compila, em três livros e um apêndice, os principais relatos mitológicos. Sua autoria é desconhecida, sendo atribuída a um escritor anônimo cognominado de Pseudo-Apolodoro.

8 Thurii era uma localidade da Magna Grécia, na atual província da Calábria, na Itália.

Seguidor da tradição órfica, Museu de Atenas é considerado um dos pais da filosofia. Teria produzido obras poéticas e observações zoológicas e de botânica. Frases clássicas lhe são atribuídas, como o bordão “A arte é sempre melhor que a força” (DK2B4). Era considerado adivinho, como ilustra um registro de Pausânias (10.9.11):

*“Os atenienses se recusaram a reconhecer que sua derrota em Egospótamos fora justa, sustentando que haviam sido traídos por seus generais, Tideu e Adimanto, subornados, segundo eles, por Lisandro. Como prova dessa afirmação citam o seguinte oráculo da sibila:*

*E, então, os atenienses sofrerão graves penas de Zeus, o trovejante, cujo poder é máximo, na batalha e na luta entre navios de guerra, pois eles serão destruídos por truques traiçoeiros, pela vileza dos seus capitães.*

*A outra evidência que citam é tirada dos oráculos de Museu:*

*Pois sobre os atenienses cairá chuva violenta, pela baixaza de seus líderes, mas haverá algum consolo para a derrota; eles não evitarão a rendição da cidade, mas devem pagar a penalidade.”*

### 3 A escola jônica

Diógenes Laércio afirma que foram duas as direções tomadas pela filosofia. Uma iniciada por Anaximandro, discípulo de Tales; a outra devida a Pitágoras. A primeira, a escola jônica; a segunda, dita italiana (LIVRO I, IX).

Usando como roteiro o Livro I da Refutação de Todas as Heresias, de Hipólito, o pensamento filosófico grego nasce com Tales de Mileto (ca. 625-556 a.C.)<sup>9</sup>. Hipólito explica que Tales afirmava que “*algo como a água é o princípio generativo do universo e seu fim – a partir desta solidificada e novamente dissolvida, todas as coisas são feitas e todas as coisas são por ela sustentadas*”<sup>10</sup>. Tales acreditava, na avaliação de Hipólito, que tremores de terra, mudanças nos ventos, movimentos da atmosfera e todas as demais coisas

<sup>9</sup> As datas de nascimento e de falecimento dos pensadores e cronistas e da criação de suas obras são aproximadas. Em geral, são estimadas a partir de relatos de terceiros ou deduzidas a partir dos episódios e dos pensadores que citam (portanto, anteriores) e daqueles por quem são citados (portanto, posteriores). No caso específico de Tales, Diógenes Laércio escreve que “nasceu no primeiro ano da Olimpíada XXXV e morreu aos 78 anos, ou talvez aos 90, na Olimpíada LVIII”.

<sup>10</sup> Veja também DK11B3.

eram produzidas e mantidas em um estado de fluxo por uma deidade que não teria início ou fim (LIVRO I, Cap. 1).

De Tales teriam restado pequenos fragmentos ou referências de autenticidade confirmada, relativos a títulos de obras ou textos de sua autoria: “Sobre os princípios”, “Sobre o solstício”, “Sobre o equinócio” e “Sobre a astronomia náutica”.

A Tales é atribuído um teorema de proporcionalidade entre segmentos de retas cortadas por paralelas. Trata-se de uma noção precursora da trigonometria. Dadas duas retas quaisquer no plano, cortadas por três retas paralelas, há uma proporcionalidade entre os segmentos que resultam das intersecções entre essas retas.

Diógenes Laércio (LIVRO I, 3) detalha diversos episódios da vida de Tales de Mileto e de seus ensinamentos:

*“É dado por muitos como sendo o primeiro a defender a imortalidade da alma, dentre estes o poeta Querilo. Foi o primeiro a descrever o deslocamento do sol de um trópico ao outro; e o primeiro a comparar a magnitude do Sol com a da Lua e afirmar que esta última seria 720 vezes menor que aquele, como escrevem alguns... Aristóteles e Hípias dizem que Tales atribuía alma a coisas inanimadas, demonstrando-o pela pedra ímã e pelo eletro. Pânfilo escreve que, tendo aprendido a geometria dos egípcios, demonstrou que o triângulo incluso em um semicírculo é retângulo e sacrificou um boi pelo achado”.*

Diógenes Laércio relata, ainda, que Tales teria sido um hábil conselheiro político e um proprietário de olivares de grande sucesso, ganhando muito dinheiro. O cronista reproduz suas frases, entre as quais a famosa “conhece-te a ti mesmo”, e registra passagens curiosas de sua vida. Reproduz, também, missivas que teria trocado com Ferécides e Sólon, cuja autenticidade é incerta <sup>11</sup>.

A escola jônica, iniciada com Tales, preocupou-se em explicar a formação da natureza, o funcionamento dos fenômenos naturais e especulou sobre a extensão do universo e a composição da matéria.

Discípulo de Tales, Anaximandro (ca. 610-545 a.C.) era também de Mileto. Segundo Diógenes Laércio:

<sup>11</sup> Ferécides de Siro (ca. 600-550 a.C.) é um filósofo citado brevemente por Aristóteles e tido como o primeiro a ter escrito em prosa. Pouco restou dele, mas era incluído em algumas listas dos sete sábios da Grécia. Sólon de Atenas (ca. 638-558 a.C.) foi político e estadista, sendo considerado o legislador que reformou o código draconiano e deu à democracia ateniense sua forma definitiva.

*“Disse que o infinito é princípio e elemento, sem definir água, ar ou outra coisa. Que suas partes são mutáveis, mas o todo é imutável. Que a Terra está no meio do universo como centro e é esférica. Que a Lua se ilumina com luz alheia, pois a recebe do Sol. Que este não é menor que a Terra e que é de fogo puríssimo” (LIVRO II, 1).*

Segundo Hipólito, Anaximandro teria asseverado que “há um eterno movimento, e por sua ação os céus teriam sido gerados e a Terra está ali equilibrada, sustentada por nada, mantendo-se assim pela sua igual distância dos demais corpos celestes” (LIVRO I, cap. 5). Anaximandro teria identificado os equinócios e solstícios e teria construído horóscopos. Foi, de acordo com Diógenes Laércio, o primeiro a descrever a circunferência da Terra, embora Hipólito sugira que Anaximandro acreditasse que esta fosse cilíndrica, “similar a uma coluna de pedra” (ver também DK12B5). E teria escrito um compêndio, do qual não restou qualquer fragmento.

Anaxímenes (ca. 590-524 a.C.), discípulo de Anaximandro, dizia que “o princípio das coisas é o ar e o infinito” e que “os astros não se movem sobre a terra, mas ao seu redor”.

De Tales se desenvolve, pois, a escola naturalista jônica, que desembocaria em Heráclito. Antes de examinar as ideias deste último, vamos visitar a escola italiana ou pitagórica.

#### **4 A filosofia matemática de Pitágoras**

Não restou de Pitágoras (ca. 570-495 a.C.) e de seus seguidores uma única linha, um fragmento, uma palavra, uma expressão matemática. A corrosão do conhecimento resultante do tempo, das guerras, da transformação social ocorridas no Mediterrâneo nos dois milênios e meio que nos separam dessa escola foram inexoráveis. Nada nos chegou.

O que se ouve dizer da escola pitagórica ou italiana é de relatos muito posteriores. Apelando mais uma vez a Hipólito, Pitágoras teria deixado sua cidade natal de Samos e se instalado em alguma localidade da atual Itália, elaborando uma doutrina que teve seguidores que pouco se desviaram dela. Pitágoras, “instituinto uma investigação acerca dos fenômenos naturais, combinou astronomia, geometria e música”. Afirmava que o ser supremo era uma mônada, ou seja, um ser unitário, um “uno”. Dizia, também, que o mundo canta e que seu sistema responde em harmonia. Teria tentado explicar o movimento das estrelas com conceitos de ritmo e melodia (LIVRO I, Cap. 2).

Vem também de Hipólito o relato de que Pitágoras teria tratado seus discípulos como pessoas iniciadas nesses segredos, desenvolvendo sua escola

como uma sociedade secreta e separando os alunos em duas categorias, a dos esotéricos, mais avançados; e a dos exotéricos, que recebiam um ensino mais moderado <sup>12</sup>.

Pitágoras também teria desenvolvido uma filosofia dos números, explicando sua construção a partir da unidade e espelhando esse procedimento em uma teoria do surgimento do mundo a partir da mônada. Explica Hipólito que a mônada seria um princípio masculino; sua sucedânea, a díade, par, um princípio feminino; a tríade, ímpar, masculino. Com o número quatro, estaria formado um processo gerador de todos os números.

O número dez, ou década, seria um número perfeito, por ser a soma dos primeiros quatro. Um número que “contém em si suas raízes”. A partir do dez, os números seguintes se sucedem. Essa construção se desdobra com o que ele chama de quatro divisões: número, mônada, quadrado e cubo. E, pelo produto, o biquadrático, o quadrático-cúbico e o bi-cúbico. Seriam formas de criar números sucessivamente. Esses sistemas de números e medidas teriam sido aprendidos por Pitágoras dos egípcios.

É difícil, a partir dessas explicações algo obscuras de Hipólito, compreender o alcance do conhecimento da escola pitagórica. Aparentemente, dominavam a aritmética e a geometria, tendo desenvolvido alguns rudimentos do que hoje seriam a álgebra e a teoria dos números.

É atribuído a Pitágoras o teorema que expressa que, em um triângulo retângulo, a soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa.

Hipólito levanta a possibilidade de uma conexão do pensamento pitagórico com o zoroastrismo, com a aceitação da imortalidade da alma e uma visão dualista, em que dois demônios, um celestial e outro terreno, correspondendo a fogo e água, são responsáveis pela produção do que vem do ar e da terra. E sugere ter havido uma transmissão dos conhecimentos pitagóricos aos druidas celtas por um dos discípulos da escola grega, Zamolxis.

São conjecturas controversas, pois sugerem uma interação entre associações de caráter iniciático inseridas em culturas distintas e cuja contemporaneidade é incerta. Nesse aspecto, é interessante refletir sobre a advertência de Mansfeld (1992: XIV-XV):

*“A tradição semi-historiográfica em que Hipólito se apoia está mais preocupada com doutrinas do que nomes, com escolas e sucessões do que com indivíduos. Séculos de classificação, interpre-*

<sup>12</sup> Tal separação seria reproduzida pela maior parte das escolas. Textos exotéricos eram amplamente divulgados e demandavam menor preparo para serem lidos e debatidos. Não raro eram usados como material de divulgação. Textos esotéricos eram notas de aula ou ensaios de uso interno da escola, estando à disposição em sua biblioteca apenas aos alunos e professores.

*tação e reinterpretação formaram e transformaram o material que Hipólito teria à disposição e é bastante óbvio que ele nos oferece seu olhar da história da filosofia grega, ou seja, o que ele considera como seus mais importantes elementos, compartilhados com a maioria de seus contemporâneos e predecessores imediatos. O fato dele dar grande importância, em certos casos excepcionais, a nomes, ou ao que pareceria a doutrina de um único filósofo (por exemplo, em Empédocles ou Heráclito) decorre de algum objetivo específico de polemizar. Ele herdou (de Justino e outros) e em certa medida ele próprio construiu um arranjo de sistemas gnósticos de acordo com uma diadoche, 'sucessão'. As várias tradições da filosofia grega foram, elas mesmas, arranjos ou rearranjos de sucessões e escolas de pensamento – uma herança da institucionalização escolástica que começara em Atenas no séc. IV a.C.”*

A importância dada a Pitágoras na obra de Hipólito é um reflexo dessa ordenação convencional. Na tradição clássica, é com a escola pitagórica que nasce a especulação filosófica e a própria palavra filosofia, o “amor ao saber”.

## 5 Heráclito e o devir

A obra de Heráclito (ca. 535-475 a.C.) é uma grande herança deixada pela escola jônica. Extensamente citado, deixou um número relativamente grande de fragmentos que lhe são atribuíveis, de modo que seu pensamento é bastante conhecido. Segundo o retrato que nos dá Hipólito, deve ter sido um homem de trato difícil, que condenava a ignorância dos outros e se achava “o único que sabia tudo, enquanto o resto da humanidade, nada”. Segundo Kirk et al (2007: 183), no período romano Heráclito receberia o epíteto de “obscuro” e seria por vezes descrito como desconsiderado ou lamurioso.

Hipólito sugere que Heráclito “declarou, em consonância com Empédocles, que o princípio de tudo é a discórdia e a amizade, que a Deidade é um fogo dotado de inteligência e que todas as coisas se originam umas das outras, e nunca estão em repouso” (LIVRO I, cap. 4)<sup>13</sup>.

13 Empédocles de Agrigento (ca. 490-430 a.C.) apontava o fogo como origem das coisas e discórdia e amizade seriam os princípios formadores do universo. Acreditava na migração das almas de um corpo a outro e Hipólito (LIVRO I, cap. 3) lhe atribuiu a seguinte expressão:

“Por certo, tanto rapaz ou donzela eu teria sido  
E arbusto, e pássaro, e peixe, de um oceano perdido”

A contribuição essencial de Heráclito decorre da sua constatação da contínua transformação das coisas, de um devir que é inerente à natureza. Alguns dos fragmentos que lhe são atribuídos ilustram essa posição filosófica:

*“O sol é novo a cada dia” (DK22B6).*

*“No mesmo rio pisamos e não pisamos, estamos e não estamos” (DK22B49a).*

*“Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” (DK22B91).*

*“Coisas frias se aquecem, coisas quentes esfriam, as molhadas secam, as secas umedecem” (DK22B126).*

No diálogo Teeteto, Platão (ca. 430-348 a.C.) aponta, a esse respeito, pondo as palavras na boca de Sócrates, que:

*“Da translação das coisas, do movimento e da mistura de umas com as outras é que se forma tudo o que dizemos existir, sem usarmos a expressão correta, pois em rigor nada é ou existe, tudo devém. Sobre isso, com exceção de Parmênides, todos os sábios, por ordem cronológica, estão de acordo: Protágoras, Heráclito e Empédocles, e, entre os poetas, os pontos mais altos dos dois gêneros de poesia: Epicarmo, na comédia, e Homero, na tragédia” (152-e)*

Heráclito também deixou diversas citações de caráter moral, destacando a importância da parcimônia, do distanciamento em relação aos prazeres e da busca da excelência:

*“Se a felicidade se encontrasse nos prazeres do corpo, diríamos ser felizes os bois que encontram forragem para comer” (DK22B4).*

*“Tudo o que vemos acordados é a morte, tudo o que vemos ao dormir é descanso” (DK22B21).*

*“Quanto maior o destino, maior o prêmio” (DK22B25).*

*“Os melhores homens escolhem uma única coisa sobre todas as outras: fama eterna entre os mortais. Já a maioria vive satisfeita como gado bem alimentado” (DK22B29).*

*“Um homem vale por dez mil, se for o melhor” (DK22B49).*

*“O caminho da ascensão e da queda é um só e o mesmo” (DK22B60).*

*“Não devemos agir e falar como homens adormecidos” (DK22B73).*

*“É difícil dominar o impulso: o que ele deseja, ele o compra às expensas da alma” (DK22B85).*

*“Honrarias escravizam deuses e homens” (DK22B132).*

*“O caminho mais curto para a fama é tornar-se bom” (DK22B135).*

*Também alerta para as precauções com os poderosos:*

*“Toda criatura é levada a pastar com um golpe” (DK22B11).*

*E recomenda a busca do conhecimento:*

*“Homens que amam o saber devem decerto questionar sobre muitas coisas” (DK22B35).*

*“A harmonia escondida é mais bela que a visível” (DK22B54).*

Enfim, se alguém se decidir, algum dia, a escrever uma história da literatura de autoajuda, certamente Heráclito teria destaque em seu capítulo 1, das origens.

O motivo que levara Heráclito a ter a fama de um filósofo obscuro ou difícil reside nas implicações da sua concepção de Devir para a construção de um método de especulação. Diante da contínua transformação de um mundo em que todas as coisas estão em fluxo, como edificar algum modo de investigar a realidade e estabelecer conceitos e relações estáveis? Heráclito trata de construir esse caminho, como explicam Kirk et al:

*“As afirmações de Heráclito deixam evidente que este se via como tendo acesso a uma verdade fundamental sobre a constituição do mundo do qual todos os homens faziam parte e tentava em vão divulgá-la. A grande maioria não lograva reconhecer essa verdade que seria ‘comum’, ou seja, válida para todas as coisas e acessível a todos os homens, desde que estes usassem sua capacidade de observação e compreensão, e não inventassem explicações particulares e ilusórias. O que eles deveriam reconhecer*

*é o 'logos', que talvez devêssemos interpretar como uma fórmula unificadora ou um método de proporção no arranjo das coisas, que quase poderia ser denominado de um plano estrutural individual e no agregado... O efeito desse arranjo de acordo com um plano ou medida comum é o de que todas as coisas, apesar de aparentemente plurais e completamente particulares, estão na realidade unidas em um sistema ou complexo coerente, do qual os homens fazem parte e cuja compreensão é indispensável para que estes possam conduzir adequadamente suas vidas” (KIRK et al, 2007: 187-188).*

## **6 Parmênides e o problema do ser**

Contemporâneo de Heráclito, Parmênides teria elaborado uma reflexão diametralmente oposta. Coerentemente, Diógenes Laércio coloca Parmênides (ca. 530-460 a.C.) na linha de herança intelectual da escola pitagórica (LIVRO I, IX).

Hipólito dedica a Parmênides um curto registro (LIVRO I, Cap. 9), afirmando que “supõe o universo sendo uno, eterno, não gerado e de forma esférica”. Aponta uma contradição, ao comentar que Parmênides não escapou à opinião geral, apontando fogo e terra como princípios originais do universo, embora afirmasse que este fosse eterno, homogêneo, imóvel e limitado.

Parmênides, nesse sentido, elaborou ideias relativamente difundidas dentre outros filósofos. Um exemplo é Xenófanes de Cólofon (ca. 570-480 a.C.), provavelmente seu mestre (KIRK et al, 2007: 240). São atribuídos a Xenófanes alguns fragmentos nos quais já se reconhece a ideia do Ser único, ainda que no sentido de uma deidade:

*“Há um deus, maior que todos os deuses e mortais, que em nada se assemelha aos mortais, em corpo ou na mente” (DK21B23).*

*“Ele vê como um todo, pensa como um todo, e ouve como um todo” (DK21B24).*

*“Mas sem esforço ele tudo põe em movimento, pelo pensamento da sua mente” (DK21B25).*

*“E permanece sempre no mesmo lugar, não se movendo, e nem é apropriado para ele mudar sua posição a qualquer tempo” (DK21B26).*

*“Todos temos nossa origem na terra e na água” (DK21B33).*

O pensamento de Parmênides segue essa linha, ou seja, é monista: há um Ser único, imutável, estático. No entanto, segue uma elaboração lógica mais complexa e, reconhecidamente, mais obscura. Os fragmentos que lhe são atribuíveis externam essa posição. Por exemplo:

*“Vem, eu te mostrarei – e deverás aceitar minha palavra quando a ouvires – os modos de questionar, os únicos a considerar: um é o do que é, e não lhe é possível não ser, sendo o caminho da credibilidade, pois segue a verdade; o outro, o que não é, e que está obrigado a não ser, sendo este, afirmo-te, um caminho que não deve ser explorado, pois não se iria reconhecer o que não é, ou expressá-lo”. (DK28B2)*

Ou, ainda:

*“Deve-se dizer e pensar que o que é, é; pois o Ser é possível e o Não Ser não é possível. Isto eu te oriento a considerar, pois da última forma de investigar eu te privo. Proíbo-te também o caminho em que vagam os mortais que nada sabem, cujas mentes se confundem, cuja perplexidade no coração faz sua inteligência errar, levando-os a esmo, tão surdos como são cegos, como hordas espantadas e sem crítica, para quem o Ser e o Não Ser podem ser vistos como o mesmo ou não, como formas de tensões opostas”. (DK28B6)*

Mais adiante, em DK28B7-8, Parmênides explica que o Ser não veio a existir, não se destrói, é um todo, sem movimento e sem fim. Ou há um Ser absoluto, ou o nada. O Ser não é divisível, pois é todo idêntico. Não há como deixar de ser uno, tudo é pleno de Ser. É espacialmente finito. Não havendo nada além do Ser, um todo imóvel, todas as coisas que os mortais estabeleceram, acreditando ser verdadeiras, são apenas nomes: nascer e morrer, ser ou não ser, mudar de posição, alterar uma cor viva.

A complexidade dessas posições foi reconhecida pelos pensadores da sua época ou algo posteriores. A seu respeito, Platão coloca nas palavras de Sócrates:

*“Parmênides me inspira, para usar a linguagem de Homero, respeito e vergonha a um só tempo. Estive com o homem quando eu ainda era muito moço e ele já avançado em anos, tendo-se-me revelado de rara profundidade de pensamento. Por isso, tenho receio de não compreender suas palavras e de que se nos escape*

*ainda mais o sentido profundo das suas ideias” (TEETETO, 184-a).*

## **7 Controvérsia entre Ser e Devir e a convergência naturalista**

No diálogo Teeteto, aponta Kirk (1975: 14), algumas passagens descrevem o confronto entre o Devir heraclítico e a doutrina de um Ser imutável de Parmênides, que então se constatava. Assim, dada a palavra a Sócrates:

*“E esse problema, não o recebemos dos antigos velado pela poesia, para melhor escondê-lo das multidões, que Oceano e Têtis, geradores do resto das coisas, são corrente d’água, e que nada é imóvel? É o que os modernos, mais sábios do que eles, demonstram abertamente, para que os próprios sapateiros, ouvindo-os, assimilem tamanha sabedoria e deixem de acreditar estultamente que há seres parados e seres em movimento, e aprendam que tudo é movimento, com o que passarão a reverenciar os mestres.*

*Porém por pouco me esqueceu, Teodoro, que outros sustentam precisamente o contrário, como, por exemplo, ‘só como imóvel, de fato, é que o Todo devera chamar-se’, e tudo o mais quanto os Melissos e os Parmênides atiram contra aqueles, a saber: que tudo é um e se mantém imóvel em si mesmo, não havendo lugar para onde possa declinar.*

*E agora, amigo, que faremos no meio de toda essa gente? Avançando aos pouquinhos, viemos cair, sem o percebermos, entre os dois grupos, e se não descobrirmos jeito de escapar de ambos, incorreremos em penalidade, como se dá na palestra com os jogadores de barra, quando, apanhados pelos dois quadros, se veem arrastados em direções contrárias”. (TEETETO, 180-d,e)*

Platão, porém, trabalharia uma abordagem mais elaborada de Ser e Devir, que merece um comentário. Voltaremos, depois, à solução naturalista pré-socrática.

A constatação do Devir pode ser aceita pelo valor de face proposto por Heráclito: a transformação contínua das coisas é inerente à natureza e determina sua perpetuação; não há como imaginar que algo possa ser definitivo. Ao afirmar que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, Heráclito parece apontar para a fatalidade de se ter que aceitar essa permanente mudança. Na tradição naturalista, é da transformação da matéria, do entrelaçamento de substâncias que nasce a variedade do universo. Algo que

ossos conhecimentos atuais de química, de biologia e de constituição da matéria apenas confirmam.

Por outro lado, embora essa abordagem seja o mote das palavras de Sócrates no diálogo Teeteto (152-e), insere-se ali uma observação de que “em rigor nada é ou existe, tudo devém”. A interpretação do filósofo levanta a dúvida sobre podermos asseverar a essência de alguma coisa, ou seja, dar-lhe um nome e um reconhecimento de ente estável, do que ele é. Não se poderia sequer afirmar a existência daquilo com que nos confrontamos, na medida em que, um instante depois, outra matéria ali está. Não é o mesmo rio porque a água já correu, a areia se deslocou, o peixe que nos olhava próximo a uma pedra fugiu.

Platão iria trazer uma terceira possibilidade, a de que o Devir constitua uma aparência da natureza. A perene mudança esconde a possibilidade de, sim, reconhecermos a essência das coisas e lhes darmos nome. Será preciso superar as impressões sensoriais embotadas pelo devir e ganhar a capacidade de reconhecer as ideias a que elas se relacionam. Embora essa concepção não seja claramente explicitada pelo filósofo, as palavras de Sócrates no diálogo A República, ao explicar o significado da conhecida alegoria da caverna, refletem essa abordagem:

*“Ora, o presente discurso demonstra que cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso e que, semelhante a olhos que só poderiam voltar das trevas para a luz com todo o corpo, esse órgão deve também afastar-se com toda a alma do que se altera, até que se torne capaz de suportar a vista do Ser e do que há de mais luminoso no Ser. A isso denominamos o bem, não é verdade?” (REPÚBLICA, Livro VII).*

A proposição acima já incorpora, também, uma concepção de Ser mais elaborada do que a de Parmênides. O Ser refere-se ao que há de essencial em cada objeto, daquilo que permite que seja apreendido, denominado e cristalizado na compreensão de quem estuda. A diferença entre ideia essencial e a realidade bruta da natureza já fora abordada em outro exemplo do mesmo diálogo (Livro VI):

*“Sócrates — Sem dúvida, compreenderás mais facilmente depois de ouvires o que vou dizer. Sabes, penso eu, que aqueles que se dedicam à geometria, à aritmética ou às outras ciências do mesmo gênero pressupõem o par e o ímpar, as figuras, três espécies de ângulos e outras coisas da mesma família para cada pesquisa diferente; que, tendo pressuposto estas coisas como se as conhecessem, não se dignam justificá-las nem a si próprios nem*

*aos outros, considerando que elas são evidentes para todos; que, finalmente, a partir daí, deduzem o que se segue e acabam por alcançar, de forma consequente, a demonstração que tinham em vista.*

**Glauco** — *Sei isso perfeitamente.*

**Sócrates** — *Então, sabes também que eles utilizam figuras visíveis e raciocinam sobre elas pensando não nessas mesmas figuras, mas nos originais que elas reproduzem. Os seus raciocínios baseiam-se no quadrado em si mesmo e na diagonal em si mesma, e não naquela diagonal que traçam; o mesmo vale para todas as outras figuras. Todas essas figuras que modelam ou desenhavam, que produzem sombras e os seus reflexos nas águas, eles as utilizam como tantas outras imagens, para tentar ver esses objetos em si mesmos, que, de outro modo, só podem ser percebidos pelo pensamento”.*

Assim, há o original em si (o triângulo em si, o ângulo reto em si), e as pobres e imperfeitas figuras na areia ou no papiro que o matemático rabisca para demonstrar seu teorema. A lucidez do raciocínio remete-se, porém, às ideias essenciais, não aos desenhos.

Parmênides, porém, como vimos, coloca o Ser em outros termos, dando-lhe um caráter de realidade física: é o próprio universo, sendo uno, eterno, não gerado, imóvel e de forma esférica. Estamos inexoravelmente inseridos neste.

Uma dificuldade do confronto entre Ser e Devir é o de que a concepção do Ser, formulada nos termos absolutos encontrados por Parmênides, opõe-se à nossa experiência sensorial. Esse choque é ulteriormente ilustrado pelos paradoxos propostos por Zenon (ca. 490-430 a.C.), alguns dos quais estão incorporados até hoje na cultura popular, como o da corrida entre Aquiles e uma tartaruga: se dermos alguma vantagem à tartaruga, Aquiles nunca a alcançaria, pois quando chegasse ao ponto em que esta se encontrava, a tartaruga teria avançado um pouco, e assim ao infinito<sup>14</sup>. O que Zenon pretende, com esses argumentos, é mostrar que, ao considerarmos os processos de uma realidade em que o diverso é admitido, terminamos por cair em algum paradoxo ou contradição. Portanto, seguir-se-ia que, racionalmente, apenas o uno é admissível, o Ser.

---

<sup>14</sup> Tecnicamente, o paradoxo, nos termos propostos, poderia ser resolvido com os conceitos modernos de limite e de diferencial, inexistentes à época. Para os ouvidos contemporâneos, esse e outros paradoxos de Zenon soam, portanto, triviais.

Na tradição naturalista contemporânea de Sócrates haveria esforços para harmonizar visões tão opostas. Alguma resposta viria com pensadores jônicos como Anaxágoras ou Arquelau e com a surpreendente teoria atômica de Leucipo e Demócrito.

Mais notório destes, Anaxágoras de Clazômenas (ca. 500-430 a.C.), segundo Diógenes Laércio (LIVRO II), atribui a origem das coisas a uma inteligência suprema. Teria escrito que “todas as coisas estavam juntas; logo, sobreveio a mente e as ordenou, e por isso lhe se dá o nome de mente”. O cronista também atribui a Anaxágoras as noções de que o Sol era um globo de fogo, que a Lua possuía cordilheiras e vales e poderia ser habitada, que o princípio das coisas reside em partículas, sendo o mundo composto por corpúsculos semelhantes entre si, que a mente é o princípio do movimento, que o mar estava sobre a superfície da terra e que o sol retira de suas águas os vapores. Também lhe atribui a ideia de que “no princípio os astros giravam no céu, construído em forma de cúpula, de modo que o polo girasse sobre o vértice da terra, mas que depois assumiram uma inclinação”.

Anaxágoras, segundo Hipólito (LIVRO I, Cap. 7) afirmava que “os princípios na origem do universo seriam mente e matéria, sendo a mente a causa eficiente e a matéria aquilo de que este é feito”. Que todas as coisas teriam passado a existir simultaneamente e a mente teria intervindo para introduzir ordem. “Os princípios materiais, ele diz, são infinitos. Até o menor destes é infinito”. Acreditava que a Terra fosse plana, mantida sobre o ar, que os oceanos fossem formados da água que evaporava e dos rios que fluíam para este, e que estes recebessem água das chuvas e na terra, pois esta contém água em suas cavidades.

Hipólito faz um registro bastante minucioso das observações de Anaxágoras, que combinavam afirmações que sabemos estar corretas (a Lua não tem luz própria, sendo iluminada pelo Sol; seu eclipse decorre da interposição da Terra entre ambos; o eclipse do Sol ocorre quando a Lua se interpõe entre este e a Terra; não temos percepção do calor das estrelas porque estas estão muito distantes; a Lua é feita de terra e tem planícies; o vento é produzido quando o ar é rarefeito pelo calor do Sol) e outras que sabemos estar erradas (A Via Láctea é um reflexo da luz das estrelas; raios e trovões decorrem do calor que desce das nuvens, terremotos são produzidos pelo movimento do ar que sustenta a Terra, os animais nascem do sexo masculino quando o sêmen do lado direito adere ao lado direito do útero e do sexo feminino quando o contrário ocorre).

Era tido como homem rico e magnânimo e, entre as habilidades que lhe atribuíam, registra-se a prática na previsão do tempo e de eventos astronômicos. Teria deixado um tratado sobre a natureza <sup>15</sup>.

Ao buscar uma explicação naturalista, desenvolveu uma teoria de que “coisas” existiam na criação do universo e teriam sido depois separadas:

*“Todas as coisas estavam unidas, infinitas em número e em pequenez. Pois o Pequeno é também infinito. E estando todas juntas, eram indistinguíveis por sua pequenez. Ar e éter as dominavam, sendo ambos infinitos. Estes eram os principais elementos nessa mistura, tanto em número como em tamanho” (DK59B1).*

A extraordinária explicação de como seriam separadas essas “coisas” é dada em outro fragmento:

*“Essas coisas circulavam e eram separadas entre si por força e velocidade. A velocidade faz a força. Sua velocidade não era como a velocidade das coisas que hoje existem, mas inúmeras vezes maior” (DK59B9).*

É nesse contexto que se dá a função ordenadora da Mente, que não se mistura com coisa alguma, é infinita e autônoma. “Tudo o que tem vida, tanto o maior quanto o menor, é ordenado pela Mente. A Mente assumiu o comando da revolução universal, de modo a fazer as coisas se revolverem no início” (em DK59B12).

Nessa perspectiva, nada nasce ou morre, mas se recombina, mistura ou separa. As existências visíveis são uma breve imagem do que não é visto. Desse modo, não se pode julgar a verdade a partir das percepções dos sentidos.

Várias dessas opiniões eram compartilhadas por seu discípulo Arquelau de Atenas, que teria sido professor de Sócrates e era chamado de Físico. Teria afirmado que a voz é a percussão do ar, que o mar se contém nas entranhas da terra, por cujos veios percola, e que o universo não tem limites.

Segundo Diógenes Laércio (LIVRO II), “com ele terminou a filosofia natural, introduzindo então Sócrates a moral”. Arquelau é também apontado por Hipólito (LIVRO I, cap. 8) como o último naturalista:

*“A filosofia natural, então, prosseguiu de Tales até Arquelau. Sócrates era o discípulo deste último. Houve, porém, vários outros introduzindo opiniões variadas a respeito da divindade e da na-*

<sup>15</sup> Deixar tratados sobre a natureza parecia ser uma prática de vários filósofos. A mesma iniciativa seria atribuída, por exemplo, a Heráclito. Provavelmente há algo de lendário nessa afirmação, mas parece que seu livro era vendido por uma dracma em Atenas ao final do séc. V a.C. (FREEMAN, 1983: 82).

*tureza do universo; e se estivéssemos dispostos a mencionar todas essas opiniões, teria sido necessário compor uma vasta quantidade de livros. Mas, lembrando o leitor daqueles que devemos – os que merecem uma menção por sua notoriedade e por ser, por assim dizer, os líderes daqueles que iriam montar os sistemas da filosofia, e por ter-lhes dado um ponto de partida para tais iniciativas – vamos acelerar nossas investigações no que resta a ser considerado”*,

E o que deixou de ser visitado, em termos do pensamento pré-socrático, antes do que resta a ser considerado? Talvez o esforço mais surpreendente de se chegar a uma visão pluralista coerente tenha sido conduzido por dois pensadores da escola de Abdera contemporâneos de Sócrates: Leucipo e Demócrito.

Ao comentar sobre Leucipo (ca. 500-450 a.C.), Hipólito nos diz que ele afirmava que as coisas seriam infinitas, sempre em movimento, que a mudança ocorre continuamente e que plenitude e vácuo seriam seus elementos. Mundos seriam produzidos quando muitos corpos se congregassem, fluíssem em conjunto do espaço próximo para um único ponto, de modo que seu contato mútuo gerasse substâncias que, entrelaçadas, se transmutassem em outros corpos. “Mas a natureza dessa necessidade, ele não definiu” (LIVRO I, cap. 10)<sup>16</sup>.

Esses corpos, imutáveis e indivisíveis, ou átomos, seriam expressões mínimas do Ser que se aproximariam e consolidariam, estando presentes em tudo. Os materiais seriam, então, formados de átomos e vácuo.

Sobre Demócrito (ca. 460-370 a.C.), Hipólito destaca (LIVRO I, cap. 11):

*“Fazia afirmações semelhantes às de Leucipo a respeito dos elementos, da plenitude e do vácuo, denominando a plenitude de entidade e o vácuo de não entidade, e afirmando que as coisas se movem continuamente no vácuo. E sustentou que os mundos seriam infinitos, variando em massa, e que em alguns não haveria sol ou lua, e em outros estes seriam maiores do que conosco, ou mais numerosos. E que os intervalos entre mundos são desiguais, que em um quarto do espaço são mais numerosos e em outro não. Que alguns destes crescem em tamanho, outros alcançam sua dimensão plena, outros diminuem. Que em um quarto estão surgindo, em outro decaindo, e que são destruídos ao se chocar*

<sup>16</sup> A concepção não é inteiramente original, tendo sido de algum modo adiantada por outros pensadores, a exemplo de Anaxágoras.

*entre si. E que alguns mundos são destituídos de animais e plantas ou de qualquer tipo de umidade. Que a Terra teria sido criada antes das estrelas, que a Lua está abaixo dela, a seguir o Sol e então as estrelas, E que nem as estrelas, nem os planetas possuem uma mesma elevação. E que o mundo se desenvolve até que não precise receber nada de fora”.*

É de ambos a adoção da palavra átomo (indivisível), bem como certas expressões que hoje adotamos, como contato no sentido de arranjo ou aspecto no sentido de posição (FREEMAN, 1983: 90-91). O seguinte trecho atribuído a Demócrito é ilustrativo do modo como a controvérsia entre Ser e Devir é contornada:

*“O sentido do doce existe por convenção, o amargo por convenção, a cor por convenção; somente átomos e vácuo existem na realidade. Nada podemos conhecer da realidade de modo acurado, apenas o que se altera nas condições do corpo e a constituição daquilo que flui e ali incide” (DK68B9).*

O que percebemos, em suma, são sensações em relação àquilo que nos alcança; trata-se de um conceito que seria longamente explorado mais adiante pelos filósofos céticos. Nossos sentidos são as portas para o mundo e, do mesmo modo que nos informam, nos iludem.

De Demócrito recebemos também um belo acervo de ditados e ensinamentos de fundo moral. Alguns merecem ser referidos, para dar um retrato do volume maior da sua produção:

*“Em poder de persuasão, o raciocínio é mais forte que o ouro” (DK68B51)*

*“Aquele que tenta dar uma recomendação inteligente a quem já se acha inteligente está perdendo seu tempo” (DK58B52)*

*“O tolo adquire o bom senso pelo infortúnio” (DK68B54).*

*“Fama e riqueza, sem inteligência, são perigosas posses” (DK68B77).*

*“A educação é um ornamento para o próspero, um refúgio para o desafortunado” (DK68B180).*

*“É difícil lutar com o desejo; mas saber controlá-lo é o sinal do homem razoável” (DK68B236).*

*“A pobreza sob uma democracia é tão preferível à prosperidade sob um regime autocrático quanto a liberdade à escravidão”  
(DK68B251).*

Enfim, são centenas de recomendações sobre vida pessoal e administração do Estado, resumidas em frases concisas.

## **8 Conclusão: a transição para a filosofia clássica**

Este ensaio é uma pequena janela sobre um período da filosofia anterior a Sócrates, do qual conhecemos uma centena de nomes, a partir dos quais alguns poucos foram aqui rapidamente visitados. Retomando, nesta conclusão, o caminho para o que nas palavras de Hipólito, resta a ser considerado, comenta-se a seguir um dos motivos do encerramento, na história da filosofia, do que seria o período naturalista.

Com Sócrates nascem duas preocupações que se tornariam centrais na filosofia: a moral e o método. É importante ressaltar a profundidade dessa transição, que ao olhar dos dias de hoje poderia parecer trivial. A reflexão sobre a moral exige o reconhecimento da noção de valor como algo em si, não como uma qualidade afixada a um objeto ou decorrente de uma escala de comparação do sujeito. Trata-se, portanto, de um salto para uma nova forma de pensar, de onde o grande número de passagens da vida de Sócrates em que o problema do valor é trazido à pauta. O recurso a um método formal, reproduzível, é um elemento indissociável desse salto. É a afirmação de que situações distintas em aparência, mas que tratam de elementos em comum (e a concepção do valor como algo que é trazido ao debate em situações de distinta aparência é um desses elementos), demandam uma mesma construção racional para que um fato de caráter mais universal possa ser reconhecido ou descartado.

Essa sistematização era incipiente ou problemática nos demais pensadores pré-socráticos, ao menos diante das parcas informações que nos restaram. Podemos nos resignar, como Hipólito, ao afirmar que a narrativa da filosofia pré-socrática é uma abordagem prévia “à consideração da filosofia ética e lógica de Sócrates e Aristóteles, o primeiro ético, o outro lógico”.

Um aspecto pouco explorado na apreciação dos filósofos pré-socráticos é o de que as várias escolas e teorias acabaram por incorporar à cultura grega uma combinação bastante heterogênea de teses, que as pessoas cultas aparentemente tendiam a aceitar como um corpo de conhecimentos único.

Possivelmente muitas dessas crenças e noções científicas fossem já compartilhadas pelas civilizações mediterrâneas em geral, o que poderia sugerir um elevado grau de integração de conhecimentos. O historiador Hecateu de Mileto (ca. 546-480 a.C.), por exemplo, é citado por Diógenes Laércio

(LIVRO I, VII) como tendo observado entre os egípcios ideias de um deus superior cuja imagem é ignorada; do mundo ter sido criado, ser incorruptível e de forma esférica; das estrelas serem fogo; da lua passar por eclipse quando entra na sombra da terra; da transmigração da alma e da chuva provir de mutações do ar. Tais noções e conhecimentos são encontrados em outras civilizações e, como vimos, inclusive entre os gregos.

Nesse sentido, talvez devêssemos olhar para a cultura grega de modo menos isolacionista. Talvez os pré-socráticos não estivessem distantes da formação cultural e do esforço especulativo de outras civilizações contemporâneas deles. Talvez seu destaque tenha decorrido, simplesmente, da necessidade de cada um desses pensadores e professores, que poderíamos, com um olhar atual, designar de comercial, de ganhar notoriedade como formadores de jovens lideranças cidadãs e de dar publicidade às suas escolas. Assim, algo deles acabaria sendo legado às gerações seguintes e, de algum modo, chegaria até nós.

De todos esses fragmentos que nos foram relegados, e a partir dos quais tentamos, ao longo de séculos, reconstruir em algum grau uma história do início da filosofia que, infelizmente, se nos esvai por entre os dedos, emerge, em suma, um rico e complexo caminho que se inicia da tradição órfica e das teogonias tradicionais e, ao longo de quatro séculos, se desenvolve na direção da reinterpretação dos símbolos e da despersonalização dos incidentes da natureza e da vida, buscando elaborações racionais para explicar as origens, o comportamento e os compromissos políticos e sociais do homem grego. Esse trajeto desembocou nas grandes escolas de Atenas que, após o período clássico, iriam alimentar a filosofia romana e, mais adiante, dariam as bases da reflexão filosófica e teológica do cristianismo.

É espantoso imaginar que, em alguma medida, estamos ligados a essa antiquíssima busca do racional por liames que se tornaram imperceptíveis. Talvez mais espantoso, porém, seja contemplarmos a possibilidade de que, há vinte e cinco séculos, as pessoas medianamente cultas aceitassem com normalidade ideias como a de que a Terra fosse redonda, os astros girassem uns em torno dos outros, a matéria fosse feita de átomos e vácuo, e de que o universo fosse infinito. É entristecedor constatar que, após a devastação de conhecimentos decorrente da queda de Roma e da destruição de Alexandria, tenha nos custado quase dois mil anos voltar a aceitar essas noções escolares e que, hoje, ainda haja quem se dê ao trabalho de contestá-las.

## Referências bibliográficas

---

- AHBEL-RAPPE, Sara e Rachana KAMTEKAR (2006). **A Companion to Socrates**. Malden, EUA: Blackwell.
- ALVARES, Jonatas R. (2014). **O Papiro de Derveni e seus Reflexos na Filosofia Antiga**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Brasília: UnB.
- ATHANASSAKIS, Apostolos N. e Benjamin M WOLKOW (2013). **The Orphic Hymns**. Baltimore, EUA: Johns Hopkins.
- BERNABÉ, Alberto (2007). “The Derveni Theogony: many questions and some answers”. *Harvard studies in classical philology*, 103: 99-133.
- CURD, Patricia (org.) (2011). **A Presocratics Reader**. Indianapolis, EUA: Hackett.
- DIOGENES LAÉRCIO (ca. 230 d.C.). **Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**.
- FREEMAN, Kathleen (1983). **Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers**. Cambridge, EUA: Harvard. (1ª ed.: 1948).
- GHIRARDELLI Jr., Paulo (2003). **Introdução à Filosofia**. Barueri: Manole.
- JAEGER, Werner (1995). **Paideia: a Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes.
- HIPOLITO (ca. 200 d.C.). **Philosophumena: Refutação de Todas as Heresias**. Livro I.
- KIRK, Geoffrey S. (1975). **Heraclitus: the Cosmic Fragments**. 3ª reimpressão. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- KIRK, G. S., J. E. RAVEN e M. SCHOFIELD (2007). **The Presocratic Philosophers**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press. 2ª ed.
- LEROI, Armand-Marie (2014). **The Lagoon: How Aristotle Invented Science**. Nova York, EUA: Viking.

MANSFELD, Jaap (1992). *Heresiography in Context: Hippolytus' Elenchos as a Source for Greek Philosophy*. Leiden, Holanda: E. J. Brill.

MURILLO VELAVERDE, Pe. Pedro (1752). **Geographia Histórica de Francia, Italia y sus Islas, con el Catálogo de los Pontífices, y Antipapas, y de vários Reyes**. Livro III. Madri, Espanha: Oficina de D. Gabriel Ramírez

PAUSÂNIAS (ca. 160 d.C.). **Description of Greece**. Trad: W. H. JONES. Cambridge, EUA: Harvard.

PLATÃO (ca. 360 a.C.). **The Trial and Death of Socrates**. Trad: G. M. GRUBE. Revisão e comentários: John M. COOPER. Indianapolis: Hackett, 2000. 3ª ed.

PLATÃO (ca. 360 a.C.). **Diálogos. Teeteto e Crátilo**. Trad.: Carlos Alberto NUNES. Coord.: Benedito NUNES. Belém: Ed. UFPA. 2001.

PLATÃO (ca. 360 a.C.). **A República**. Trad.: Jacó GUINSBURG. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PSEUDO-APOLODORO (ca. 100 a.C.). *The Library*. Tradução e compilação de James G. FRAZER. Cambridge, EUA: Harvard University Press/Heinemann, 1921.